

FUNDEP PARTICIPAÇÕES S.A.: FUNDAÇÃO DE APOIO PRIVADA COMO MEDIADORA DA FINANCEIRIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL

Luma Barbalho Pontes – UFPA (luma_bp@hotmail.com)
Fabíola Bouth Grello Kato – UFPA (fabiola_kato@hotmail.com)

Eixo 1 – Política econômica e financiamento da educação superior no Brasil

Introdução

O resumo é um recorte da pesquisa de doutorado em Educação que tem como objetivo geral investigar o papel desempenhado pelas fundações de apoio privadas (FAP) no interior da universidade federal brasileira, tomando a Fundep/UFMG e a Fundep Participações S.A. como casos concretos de análise do movimento real. Busca-se desvendar se essa relação entre universidade federal, fundação de apoio e gestora de investimentos, insere a universidade pública nos circuitos da economia financeirizada.

As fundações de apoio privadas, são entidades de direito privado, sem fins lucrativos, a FAP mais antiga em funcionamento é de 1932, a Fundação Escola Politécnica da Bahia (FEP-BA), atualmente credenciada pela Universidade Federal da Bahia. No período de 1970 a 1989 foram criadas 34 fundações vinculadas a universidades, e na década de 1990, trinta e oito (38) novas fundações. Esse dado é significativo considerando a Constituição de 1988, e a promulgação da primeira lei que regulamenta as relações entre as FAP e as instituições federais de ensino superior e de pesquisa científica e tecnológica, a Lei nº 8.958, de 20 de dezembro de 1994.

Após a publicação da primeira lei, outras regulamentações foram publicadas, ampliando e alterando a forma como as FAP se relacionam com o sistema de ciência e tecnologia federal do Brasil. Dentre as legislações que regulamentam a relação universidade-fundação de apoio, a lei das Organizações Sociais (OS); a Lei de Inovação Tecnológica; a Lei das Parcerias Público-Privadas; decreto nº 7.423 de 2010, o qual regulamentou a Lei 8.958/1994; e lei nº 12.863 de 24 de setembro de 2013.

No Brasil existem 120 registros de FAP credenciadas junto ao Ministério da Educação (MEC), versão de julho de 2025, dos quais 12 registros são de fundações que

tiveram suas autorizações expiradas, ou seja, há 108 fundações de apoio privadas ativas no país. As FAP são mecanismos institucionais que expressam a reconfiguração das fronteiras entre o público e o privado na gestão da educação superior. Sua emergência e consolidação articulam-se diretamente às transformações no papel do Estado.

Diante desse cenário, nos debruçamos sobre o caso da Fundação de Apoio da Universidade Federal de Minas Gerais (Fundep/UFMG). A Fundep foi criada em 17 de fevereiro de 1975 por um grupo de professores da UFMG. Sua origem está relacionada à Reforma Universitária de 1968, a qual redefiniu o papel das universidades brasileiras, propondo modernização e expansão das instituições públicas, especialmente as universidades federais, criando bases para a articulação entre ensino e pesquisa.

A Fundep está entre grupo das quinze (15) fundações mais antigas do Brasil, é também a fundação que teve credenciamento para atuar no maior número de instituições federais, um total de trinta e oito (38) vínculos. De acordo com MEC (2025), dos 38 vínculos, 12 encontram-se vigentes, são 06 universidades federais: UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), UNIFAL-MG (Universidade Federal de Alfenas), UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto), UFSJ (Universidade Federal de São João del-Rei), UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), e UFABC (Universidade Federal do ABC).

Somado a isso, o que faz da Fundep/UFMG um caso ainda mais destacado, é que esta foi a primeira FAP a criar sua própria empresa de investimentos. Em 2013 a Fundep criou a Fundep Participações S.A, ou Fundepar, uma gestora de investimentos, que segundo os dados constantes no site da fundação tem o objetivo de:

> viabilizar empresas inovadoras, nos estágios iniciais de desenvolvimento, que tenham soluções para mercados relevantes. Ao investir, preferencialmente em empresas de origem acadêmica, a Fundepar suporta o processo de transferência de tecnologia e a geração de empregos qualificados, atuando em prol do desenvolvimento da Ciência e Tecnologia nacionais (Fundep, 2025).

A Fundepar tem como escopo de trabalho investir em “negócios com elevado diferencial tecnológico e que promovam impacto social positivo, visando o benefício à

sociedade". A expertise do fundo é no desenvolvimento de empresas *deeptechs*[1] com raízes em universidades, seu discurso é do fomento de empresas em estágios iniciais, de base tecnológica, mediante de "capital empreendedor", além desse investimento de capital, a Fundepar oferece apoio à gestão desses negócios. Segundo a Fundepar, esse é um segmento não explorado pelas gestoras de investimentos convencionais.

O presente resumo expandido tem por objetivo é analisar o funcionamento do Programa Seed4Science, lançado em 2018, é o programa de investimento mais antigo gerido pela Fundepar, bem como a rede de empresas que receberam tais investimentos, com um capital de R$ 38 milhões. O programa é a materialização da aproximação entre a produção científica, pesquisas voltadas para inovação e mercado financeiro. No processo de seleção do programa, de acordo com seu portal, foram avaliadas mais de 2.900 empresas em diferentes regiões do Brasil, resultando na realização de 13 investimentos (Fundepar, 2026).

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada em análise documental e pesquisa bibliográfica, voltada à compreensão crítica das fundações de apoio privadas e suas imbricações com o processo de financeirização da educacional. As fontes empíricas foram coletadas no site institucional da gestora de investimentos Fundepar S.A., onde estão disponíveis informações sobre seus programas de investimento. Foi analisado programa Seed4Science, com o propósito de analisar as empresas beneficiadas.

Discussão dos dados

O Seed4Science foi constituído em 2018, programa através do qual a Fundepar busca fomentar um modelo de inovação orientado pela ciência, priorizando, embora não de forma exclusiva, empresas originadas em universidades. Tal direcionamento evidencia

[1] De acordo com o Portal Forbes, conceito criado por Swati Chaturvedi em 2014, as deeptechs são empresas baseadas em descobertas científicas ou inovações tecnológicas disruptivas, oriundas de campos da "ciência dura" (hard science). Essas empresas oferecem possibilidades de retorno financeiro acima da média para quem investe (Pacete, 2025).

a valorização do capital intelectual e a conversão do conhecimento científico em soluções mercadológicas.

O portfólio do Seed4Science reúne 13 empresas que atuam em diferentes segmentos. Entre as investidas encontra-se a Aratu, empresa que desenvolve, fabrica e aperfeiçoa tecnologias voltadas ao monitoramento ambiental. Na área de biotecnologia, destaca-se a Cellva, empresa da indústria de alimentos, comercializa soluções de microencapsulação prontas para o mercado. Também nesse campo encontra-se a FabNS, Fábrica de Nanossoluções, especializada no desenvolvimento e fabricação de instrumentos de nível científico para espectroscopia micro e nano-Raman.

No setor de inteligência artificial, o portfólio inclui empresas como a Kunumi, startup voltada à resolução de problemas em grandes organizações por meio de tecnologias de IA, com destaque para aplicações na área da saúde, esta empresa posteriormente realizou sua saída do portfólio (*exit*), vendida ao grupo Bradesco, e seu portal informa que a mesma adere a um "capitalismo consciente". Ainda nesse segmento, a Neuralmind atua no desenvolvimento de produtos baseados em IA, direcionados ao aprimoramento de análises jurídicas, garantia de *compliance* e detecção de fraudes em operações em organismos públicos e privados.

A Lume desenvolve softwares baseados em IA, robótica autônoma, capaz de transformar diferentes veículos em sistemas autônomos. Já a Moya atua no desenvolvimento, fabricação e operação de veículos aéreos não tripulados elétricos destinados à logística.

A Nanofood, do setor agroalimentar, dedica-se ao desenvolvimento de revestimentos alimentares baseados em nanotecnologia. A Urban Farmcy, atuou no setor de *foodtech*, produzindo e distribuindo alimentos *plant-based*, com ênfase em refeições nutritivas e ambientalmente responsáveis. De acordo com a Revista Grandes Empresas Pequenos Negócios (2018) a empresa foi fundada por Tobias Chanan, fundador da Empório Body Store em 1997, vendida para o grupo L'Oréal em 2013, originando a The Body Shop Brasil.

No setor agropecuário aparece a PecSmart, que desenvolve tecnologias de monitoramento aplicadas à suinocultura e à avicultura. A Tarvos atua no desenvolvimento

de softwares e equipamentos eletrônicos destinados à coleta de dados para o manejo digitalizado de pragas e doenças agrícolas.

No segmento de energia, a Optimal Energy desenvolvia ferramentas de otimização multiobjetivo e inteligência computacional, porém a mesma parece não estar mais em funcionamento pois não foi localizado seu site. Já a Logpyx opera na área de logística interna, desenvolvendo sistemas YMS (*Yard Management System*) voltados à otimização de fluxos logísticos relacionados a pessoas, veículos e ativos.

De acordo com a gestora, o desempenho econômico das empresas investidas alcançou resultados expressivos, uma vez que o faturamento agregado dessas organizações ultrapassou significativamente o volume de recursos originalmente investidos pelo fundo (Fundepar, 2026).

Conclusões

As 13 empresas investidas pela Fundepar concentram-se em áreas como IA e software aplicado, agro/alimentos, hardware, energia e logística. Geograficamente, estão localizadas no eixo Sul-Sudeste, distribuídas entre Minas Gerais (05), São Paulo (04), Espírito Santo (02), Rio Grande do Sul (01) e Santa Catarina (01). Cinco delas tiveram origem em pesquisas de universidades públicas (UFMG, UFSJ, Unicamp e UFES). Além disso, apenas duas empresas possuem fundadores que não formados em universidades públicas. Isso significa que, mesmo entre as startups que não surgiram em ambiente universitário, dez delas foram fundadas por pesquisadores formados em universidades públicas brasileiras.

Sérgio Pinto, fundador da Cellva, um dos poucos não formados em universidade pública, afirmou em entrevista que sua empresa resulta da articulação entre ciência e mercado. Segundo ele, a empresa trabalha a partir de soluções que já haviam sido descobertas e, muitas vezes, permaneciam esquecidas nos “porões da academia”. Trata-se, portanto, de conhecimentos produzidos majoritariamente com recursos públicos que passam a ser convertidos em ativos financeiros. A questão aqui não é condenar a comercialização de soluções tecnológicas. O cerne é problematizar dinâmica estabelecida, na qual os recursos públicos assumem etapas mais arriscadas do

financiamento, especialmente nas fases iniciais de pesquisa e desenvolvimento (P&D), enquanto os ganhos econômicos são apropriados pelo capital privado, ao mesmo tempo em que inúmeras áreas sociais permanecem subfinanciadas. Nessa dinâmica, o financiamento de empresas de base universitária contribui para subsunção da produção científica à lógica do capital financeirizado.

Referências

BRASIL. Lei nº 8.958, de 20 de dezembro de 1994. Dispõe sobre as relações entre as instituições federais de ensino superior e de pesquisa científica e tecnológica e as fundações de apoio e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8958.htm. Acesso em: 12 de out. de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundações de Apoio. Brasília, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/estrutura-organizacional/orgaos-especificos-singulares/secretaria-de-educacao-superior/fundacoes-de-apoio Acesso em 10 ago. 2025

FUNDEP. Fundep. Fundação de Apoio da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: https://www.fundep.ufmg.br/ Acesso em 02 maio 2024.

FUNDEPAR. Fundo Fundep Participações S.A. Disponível em: https://fundepar.com.br/. Acesso em: 7 maio 2025.

PACETE, Luiz Gustavo. Entenda o que são as deep techs e como surgiu o conceito. Forbes Brasil, 20 maio 2022. Disponível em: https://forbes.com.br/forbes-tech/2022/05/entenda-o-que-sao-as-deep-techs-e-como-surgiu-o-conceito/. Acesso em: 5 jun. 2025.

PEQUENAS EMPRESAS & GRANDES NEGÓCIOS (PEGN). Ele abandonou o cargo de CEO de empresa bilionária para abrir o próprio negócio. 17 ago. 2018. Disponível em: https://revistapegn.globo.com/Empreendedorismo/noticia/2018/08/ele-abandonou-o-cargo-de-ceo-de-empresa-bilionaria-para-abrir-o-proprio-negocio.html. Acesso em: 16 maio 2026.

PROJETO DRAFT. Ele fez carreira em multinacionais de alimentos; agora inova à frente de uma startup para otimizar a absorção de nutrientes pelo organismo. 6 fev. 2025. Disponível em: https://www.projetodraft.com/ele-fez-carreira-em-multinacionais-de-alimentos-agora-inova-a-frente-de-uma-startup-para-otimizar-a-absorcao-de-nutrientes-pelo-organismo. Acesso em: 16 maio 2026